

# Aleksandr Blok – Ravena

Tudo o que é instante, tudo o que é traço  
Sepultaste nos séculos, Ravena.  
Como uma criança, no regaço  
Da eternidade estas, serena.

Sob os portais romanos os escravos  
Já não trazem mosaicos pelas vias.  
O ouro dos muros arde  
Nas basílicas lívidas e frias.

Os arcos dos sarcófagos desfazem,  
Sob o beijo do orvalho, as cicatrizes.  
Nos mausoléus azinhavrados jazem  
Os santos monjes e as imperatrizes.

Todo o sepulcro gela e cala,  
Os muros mudos, desde o umbral,  
Para não acordar o olhar de Gala,  
Negro, a queimar por entre a cal.

Das pegadas de sangue e dor e insídia  
O rastro já se apaga e se descora,  
Para que a voz gelada de Placídia  
Não se recorde das paixões de outrora.

O longo mar retrocedeu, longínquo,  
As rodas circundaram as ameias,  
Para que os restos de Teodorico  
Não sonhem com a vida em suas veias.

Onde eram vinhedos – ruínas.  
Gente e casas – tudo é tumba.  
Sobre o bronze as letras latinas  
Troam nas lajes como trompa.

Apenas, no tranquilo e atento olhar

Das moças de Ravena, mudamente,  
Às vezes uma sombra de pesar  
Pelo irrecuperável mar ausente.

À noite, inclinado nas colinas,  
Só, pondo os séculos à prova,  
Dante – perfil aquilino –  
Canta para mim da Vida Nova.

**Aleksandr Blok, Poesia da recusa**